

MAGIA NA ROMA ANTIGA: APULEIO DE MADAURA E O ASNO DE OURO SOB O CONCEITO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL DE MICHAEL POLLAK

MAGIC IN ANCIENT ROME: APULEIO OF MADAURA AND THE GOLDEN ASS UNDER THE CONCEPT OF MEMORY AND SOCIAL IDENTITY BY MICHAEL POLLAK

Albertino da Silva Lima³

Artigo recebido em 02 de fevereiro de 2022
Artigo aceito em 25 de agosto de 2022

Resumo

O Asno de Ouro é um romance latino escrito por Lúcio Apuleio e possui diversos acontecimentos que transitam em torno tanto da magia quanto da religião em Roma no século II d.C. Nossa proposta se fundamenta na análise da obra tendo a magia como objeto principal, mas sob a tutela conceitual de *Memória e Identidade Social* desenvolvido Michael Pollak.

Palavras-chave: Apuleio de Madaura; Identidade; Religião; Magia; Memória.

Abstract:

The Golden Ass is a Latin novel written by Lucius Apuleius and which has several events that revolve around both magic and religion in Rome in the 2nd century AD. Our proposal is based on the analysis of the work having magic as its main object, but under the conceptual tutelage of Memory and Social Identity developed by Michael Pollak.

Keywords: Apuleius of Madaurus; Identity; Religion; Magic; Memory.

³ Doutorando em História (área de concentração: Política e Cultura) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP e membro do Núcleo de Estudos da Antiguidades – NEA/UERJ. E-mail: albertinoslima@gmail.com. Bolsista Capes (a partir de julho de 2021). Orcid: 0000-0002-7099-4624. ID Lattes: 3364198363805625.

Introdução

Roma, assim como muitas outras cidades da antiguidade, teve em sua história episódios envolvendo a prática da magia nas mais variadas camadas de sua sociedade, desde os mais pobres aos mais ricos, dos camponeses aos imperadores, dos simpatizantes aos sacerdotes. A importância da magia em Roma é evidenciada, principalmente, pelos eventos nos quais estava envolvida e, posteriormente, sendo descritos em diversos gêneros da literatura latina como, por exemplo, poesias, textos históricos, romances, biografias, textos religiosos, epístolas, assim por diante. A obra *O Asno de Ouro* se apresenta como interessante a partir da habilidade literária por parte de seu autor Apuleio, ao elaborar um cenário performativo cuja intenção clara era explicitar a magia por ele praticada e engendrada no embuste por ele vivido ao casar-se com uma viúva rica. O enlace matrimonial com Pudentila foi interpretado pelos parentes da viúva rica como um golpe beneficiado pela suposta magia praticada por Apuleio ocasionando o seu julgamento na cidade de Sabrata, vizinha a Oea.

Em *Apologia*⁴, Apuleio torna mais evidente seu conhecimento filosófico e sua filiação ao pensamento e prática da magia, fazendo referências diretas a filósofos que também possuíam comportamentos similares aos dele. Obviamente, não trataremos a obra *Apologia* de Apuleio em especial aqui, porém nos certificamos que sua defesa se apoiou em seu conhecimento sobre a filosofia de Platão, a ponto de receber a alcunha de filósofo médio-platônico. O enredo construído em *Apologia* é estrutural e objetivamente diferente do *O Asno de Ouro*, pois a ficcionalidade da narrativa trouxe à baila parte da memória por ele vivida, que, pressupostamente, consideramos ter dado base para a

⁴ Obra produzida por Apuleio após o seu julgamento, e, obviamente, sua absolvição, em 159 d.C.

elaboração do romance e, por sua vez, a identidade filosófica por ele construída socialmente pode ter contribuído com argumentos válidos à época para sua defesa.

Apuleio ou *Apuleius* (nome latino) nasceu em 125 d.C.⁵, sua cidade natalícia foi Madaura – atual M'Daourouch – situada ao norte da África, na Argélia. Sua educação especializada ficou restrita a três centros importantes da época; Cartago (próximo de Madaura), Atenas e Roma. Em Cartago, Apuleio recebeu sua educação base e foi instruído na gramática e na retórica, em Atenas voltou-se para o campo da filosofia sendo atraído pelos ensinamentos de Aristóteles e Platão e em Roma, dedicou-se ao Direito. Com base em documentos e em historiografias podemos dizer que Platão foi quem mais exerceu influência na vida de Apuleio, esta tese se justifica devido a sua inclinação para magia que, por sinal, era notória também em Platão.

Segundo Belchior Neto (2018, p. 77), “em Atenas, ademais, Apuleio teria dado vazão aos seus interesses em questões relacionadas às religiões de mistérios”. Nesse aspecto, entendemos que a inserção de Apuleio no mundo da magia se deu por intermédio da filosofia, pois “como filósofo platônico detentor de uma profunda compreensão acerca das coisas divinas, se incluiria nesse seleto grupo de sábios que poderiam coagir as entidades espirituais a auxiliá-los em diferentes situações” (NETO, 2015, p. 200). Ao destinar-se à Alexandria no Egito via Mar Mediterrâneo, Apuleio hospedou-se na casa de um amigo, Ponciano, em Oea. Este, por sua vez, era filho de uma rica mulher que se encontrava na condição de viúva, e a conselho de Ponciano, Apuleio ingressou num romance com a mãe de seu amigo e a desposou. Pudentila, em curto espaço de tempo, veio a falecer, e, a partir de então,

⁵ Datação imprecisa, muitos historiadores e biógrafos generalizam e concluem que foi na década de 120 d.C., da mesma forma ocorre com a data de sua morte que se deu no fim da década de 170 e início da década de 180 d.C.

Apuleio passou a ser visto, por parte dos parentes de Pudentila, como um mago charlatão, o qual se utilizou de magia para seduzir Pudentila e, também, foi acusado de ser o causador de sua morte sob acusação de *crimen magiae*.

Magia e literatura latina (séc. I e II d.C.)

Torna-se necessário abordarmos, ainda que brevemente, a presença incontestável da magia na literatura latina. Ela é atinente à religião romana independentemente de suas variações teóricas e práticas, e o fato de participar da literatura latina faz dela um fenômeno importante na sociedade romana em geral. Não obstante, é necessário lembrar que Roma não produziu nenhuma espécie de receituário de magia. Nisto, notamos que “Roma não segue o modelo do Egito e da Grécia em registrar em livros prescrições e receitas de como se fazer magia” (LIMA, 2017, p. 41). Para endossar nossa discussão, Ankarloo e Clark (2004, p.12) afirmam que

o principal grupo de fontes para o estudo de crenças e ações mágicas na Antiguidade clássica são: (1) literatura ficcional de Homero e Eurípedes até Apuleio e Luciano; (2) narrativas históricas, desde a Bíblia e as Vidas dos santos cristãos até historiadores como Plutarco, Lucano, Porfírio e Suetônio; (3) discursos filosóficos e científicos de Platão e Hipócrates até Plotino e Celso; (4) textos religiosos dos Evangelhos aos Pais da Igreja; e, finalmente, (5) fontes performativas, isto é, textos criados como parte de ações sociais, sejam eles legais, religiosos ou mágicos.

Esses nichos literários demarcados pelos autores são, assim por eles denominados, os principais tipos de documentos que um pesquisador sobre a magia no período clássico pode recorrer. No nosso caso, recorreremos à opção (1) literatura ficcional – *O Asno de Ouro* –, no entanto, pensamos ser congruente salientarmos que a ficcionalidade encontrada no referido documento foi produzida por um retórico/filósofo. Esta observação sobre o romance latino, produzido na segunda metade do século II d.C., dá à magia uma importante

relevância, não somente pelo período em si (estruturação e expansão teológico-dogmática do cristianismo), mas por ela estar sendo discursada, praticada e defendida por um filósofo. Nesse sentido, e ainda dentro dos grupos de fontes apresentados por Ankarloo e Clark, Apuleio poderia elaborar uma narrativa que se inserisse na opção (3) – discursos filosóficos. Mas, por que Apuleio, sendo um filósofo médio-platônico, optou por redigir uma literatura ficcional sobre a magia (*O Asno de Ouro*) e não filosófica? Podemos partir do pressuposto que o também retórico se valeu, principalmente, da memória como recurso norteador de sua obra e que a filosofia estava intrinsecamente retratada em sua identidade que, no entanto, será notoriamente vista e utilizada em sua defesa – a *Apologia*. Pois, de acordo com Georg Luck (2004, p. 104), “Apuleio é em parte mago, em parte filósofo, mas também *homme de lettres*”.

Os romances, ou seja, as obras ficcionais em geral são meios criativos de narrar e que visam informar um conteúdo esteticamente mais receptivo, mas, que em hipótese alguma deprecia o tema a ser abordado; pelo contrário, sua forma literária e narrativa permitem uma abrangência maior de seu conteúdo. Na produção de *O Asno de Ouro*, dentro da categoria ficcional, Apuleio projeta seu público-alvo. Contudo, podemos considerar que o autor madaurense poderia categorizar seu texto entre os *escritos filosóficos* – como já ponderamos acima. Talvez, se assim fosse, não teria tanta serventia, pois a acusação de *crimen magiae*⁶ por ele sofrida veio por parte, do que ele chamou, de pessoas simples, isto é, pessoas que não possuem capacidade intelectual necessária para diferenciar os variados tipos de magia. A categoria novelística foi escolhida por diversos autores antes e depois de

⁶ O *crimen magiae* estava sob a *Lex Cornelia de sicaris e veneficis* e que poderia sentenciar o acusado à pena de morte.

Apuleio, pois por intermédio dela temas como o da magia, por exemplo, se dissolveram consistentemente, principalmente, na antiguidade clássica.

O Asno de Ouro

O romance apuleiano não trata exclusivamente da magia, há uma diversidade temática que, ao nosso ver, precisa ser explorada, pois a religião e a magia são os temas mais analisados por pesquisadores. Destacamos também que há algumas proximidades entre Lúcio e Apuleio que podem servir para uma compreensão mais apurada da obra. Esta observação nos conduz ao livro de Mikhail Bakhtin *Estética da Criação Verbal*, que nos faz pensar sobre a existência de uma relação muito próxima entre autor e personagem. Segundo o filósofo,

o autor-criador nos ajuda a compreender o autor-pessoa, e já depois suas declarações sobre sua obra ganharão significado elucidativo e complementar, as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual maneira o mesmo se dá com o seu real criador-autor. É neste sentido que se deve ressaltar o caráter criativamente produtivo do autor e sua resposta total à personagem; o autor não é o agente de vivência espiritual, e sua reação não é um sentimento passivo nem uma percepção receptiva; ele é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa mas em produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura – que ele mesmo condiciona – da visão ativa da personagem como um todo, na estrutura da sua imagem, no ritmo do seu aparecimento na estrutura da entonação e na escolha dos elementos semânticos. (BAKHTIN, 2011, p. 6)

Não analisaremos *O Asno de Ouro* com base em métodos da linguística – embora seja uma tarefa bem interessante –, nos atentaremos ao fragmento citado acima e ao destaque dado pelo linguista à relação intrínseca entre autor e personagem, e quão híbridas suas vidas se tornam. Nos onze livros do romance, a vida do autor-pessoa é exposta pelo autor-criador cujo objetivo firma-se na compreensão da pessoa. Neste caso, de acordo com a ótica bakhtiniana, a vida de Apuleio é contracenada por Lúcio e as ações de Apuleio, no entanto, foram

representadas pelo asno-Lúcio, esta representatividade acabou interferindo na vida do autor-pessoa, Apuleio. Ou seja, Lúcio o personagem citado por Apuleio tem uma representatividade em alto grau na vida do seu autor.

Para que possamos compreender melhor a vida de Apuleio e/ou de Lúcio, vejamos o introito da obra⁷:

Isto, com relação ao enredo, que é, grosso modo, assim: um moço viajando de sua pátria para Tessália (considerada a terra das artes mágicas), com o auxílio de uma escrava, cuja ama é feiticeira, tenta se transformar em coruja, mas por infelicidade trocam os potes de unguento que se passava no corpo para conseguir tal resultado e a metamorfose faz dele um burro, em vez da ave desejada. Não parece meu grave o mal, pois é bastante comer pétalas de rosas para readquirir a figura humana. Na mesma noite, tendo o moço, em virtude da nova aparência, se recolhido à estrebaria, com o seu cavalo e mais um burro pertencente ao hospedeiro, Milão, vêm os bandidos da montanha, matam o dono da casa e levam, carregados de prataria furtada, os três animais. O livro conta as aventuras do burro, que fora gente, e várias outras histórias. (APULEIO, 1962, p. 7)

Claro que o romance nos apresenta muitas aventuras, mas este breve recorte da introdução citado acima nos permite compreender que a magia é o tema que está mais evidente na obra. Sendo assim, a magia, para Apuleio, era vista como uma contrapartida, uma prática que vivia em constante ataque e contra-ataque seja por viés religioso, cultural, político ou científico. Sônia Regina Araújo (2012, p. 105) argumenta que

assim, sabedoria opõe-se a magia na obra apuleiana, tanto em *Apologia* quanto em *O Asno de Ouro*, assim como cidadania opõe-se à escravidão, medicina opõe-se ao envenenamento, mulheres fiéis e prudentes a mulheres pérfidas.

Alguns pontos precisam ser, mesmo que brevemente, destacados; por exemplo: a) se destinou para a Tessália (aperfeiçoamento das práticas mágicas); b) a companhia de uma feiticeira; c) poções mágicas

⁷ A citação foi retirada da introdução da obra *O Asno de Ouro* produzida pela Editora Cultrix.

(potes de unguento) e, por fim, d) ingerir pétalas de rosas para desfazer a magia.

No Livro III, além de outros eventos, Apuleio apresenta um tipo de magia mais profissional, praticada pela bruxa Panfília, vejamos:

Distanciava-me triste, com o temor de voltar com as mãos completamente vazias, quando vi um homem que tosava com uma tesoura uns odres de pelos de cabra, eu os via, ali solidamente, cheio, e já pendurados. Os pelos que estavam no chão eram de um jovem beócio. Levei uma certa quantidade e levei à minha ama, disfarçando a verdade. Nas primeiras horas da noite tu não tinhas voltado ainda do jantar. Panfília, fora de si, subiu, do outro lado da casa, a um terraço coberto de pranchas, livre, acessível a todos os ventos de onde a vista abrange o oriente e se estende de outro lado em várias direções. Esse lugar se presta como nenhum às suas operações mágicas, e Panfília o frequentava em segredo. Ela dispôs então, para começar, o aparelhamento ordinário de sua oficina infernal, cheia de substâncias aromáticas de todo o gênero, de lâminas cobertas de inscrições desconhecidas, de velas de navios perdidos no mar. Estavam ali expostos inúmeros fragmentos de cadáveres, já chorados ou mesmo colocados no túmulo: aqui narizes de dedos, ali cavilhas de força, com langanhos de carne, além o sangue recolhido de gargantas cortadas, e crânios mutilados arrancados dos dentes das feras. Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro III, 17).

No romance, a bruxa ficcional criada por Apuleio preparou uma poção mágica que funcionou, mas os pelos encontrados e utilizados no preparo não eram do jovem beócio, eram de bodes. A mensagem transmitida pelo autor oriundo de Madaura está bem clara: a magia funcionou, embora o resultado não tenha saído conforme desejado. Se servindo de um enredo ficcional podemos considerar que Apuleio, em certos momentos, pode ter se utilizado da memória para assim manifestar sua compreensão acerca da magia. Vejamos mais um exemplo:

Quando chegamos à soleira do templo, grão-sacerdote, com aqueles que levavam que levavam diante dele as imagens divinas, e os iniciados já admitidos no venerável santuário, penetraram também no cubículo da deusa, e dispuseram conforme os ritos os simulacros viventes. E então, um deles, que todos chamavam de Gramático, em pé, diante da porta, convocou, como em assembleia, o grupo de pastóforos, que é o nome do sacrossanto colégio, e lá mesmo, do alto do estrado, de acordo com um texto escrito, pronunciou primeiro os votos

de prosperidade ao príncipe soberano, o senado, a ordem equestre, todo o povo romano, os navegadores e os navios, que no mundo inteiro, estão sob a lei do nosso império. Depois, proclamou em idioma e ritos gregos a abertura da navegação. Um clamor geral saudou esta palavra como uma mensagem de bom agouro. Transbordando de alegria, as pessoas levavam brotos, ramos e guirlandas e beijavam os pés da deusa. Sua estátua de prata havia sido colocada no alto dos degraus, antes de os fiéis voltarem para os seus lares. Quanto a mim, em meu estado de espírito, não me animava a afastar-me uma unha que fosse da presença da deusa. Tinha os olhos presos à sua imagem, e recordava as passadas aventuras. (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro XI, 17)

Os relatos presentes em todo o romance apuleiano abordam temas e propostas bem variadas. No livro XI, o filósofo detalha em parte um evento em que ocorreu um ritual de navegação praticado pelos romanos, nele é observada a ação das entidades em culto, e a reverência de Lucio à deusa Ísis é exposta como podemos ver neste fragmento; “Ei-lo, aí está, livre das antigas atribulações, pela providência da grande Ísis, eis aí Lúcio que triunfa alegremente da Fortuna” (Apuleio, *O Asno de Ouro*, Livro XI; 15). Resolvemos, portanto, destacar algumas palavras do capítulo 17 – citado acima – com o objetivo de demonstrar que Apuleio/Lúcio não narra os fatos simplesmente, mas participa deles, como por exemplo: a) quando *chegamos à soleira do templo*; b) *Quanto a mim, em meu estado de espírito, não me animava a afastar-me uma unha que fosse da presença da deusa. Tinha os olhos presos à sua imagem, e recordava as passadas aventuras.*

As citações apresentadas no texto nos servem de embasamento documental para que possamos chegar à compreensão de que *O Asno de Ouro* pode ser analisado através das *recordações* ou *memórias* produzidas ou vividas pelo autor-criador ou pelo autor-pessoa. Nesse enlace, o romance apuleiano é repleto de relatos de memórias, como o feitiço de Panfília, o ritual de navegação e outros. A memória, entretanto, não foi um instrumento utilizado por Apuleio somente em *O Asno de Ouro*; em 159 d.C., resultado de sua defesa contra a acusação da morte de

Pudentila, foi elaborada *Apologia* uma obra de caráter apologético cuja finalidade foi relatar sua acusação, defesa e absolvição.

Memória, identidade e magia

Um documento histórico pode ser analisado de diversas formas por meio de variadas teorias. No nosso caso, temos observado *O Asno de Ouro* e nele detectamos que o autor se embasou demasiadamente em sua memória; os relatos de Apuleio foram construídos de forma ficcional, mas com traços claros de realidade por ele vivida. Em *Apologia*, fica mais evidente a postura de Apuleio em apresentar-se como filósofo, retórico e alguém que possuía uma cultura superior à de seus acusadores. Neste aspecto, *O Asno de Ouro* expõe suas atividades religiosas e mágicas; já em *Apologia*, sua posição intelectual é a que mais se sobressai, sua identidade é equiparada por ele mesmo à de Claudio Máximo, o Procônsul responsável pelo seu julgamento em Sabrata.

Segundo Le Goff (1990, p. 424) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Sendo assim, a memória torna-se um campo de atuação do historiador e suas produções se apresentam como possibilidades para se fazer história, sejam elas individuais ou coletivas. Claramente, nossa ideia aqui não é tecer um debate acerca do conceito de memória e suas inferências na historiografia, visto que já delimitamos nossa teoria ao conceito de Michael Pollak.

A *memória e a identidade social* estão ligadas, segundo o autor, ao campo da história oral e estão bem envoltas nas tratativas políticas, mas não exclusivamente com a memória política (POLLAK, 1992, p. 200). Esta não exclusividade à política nos permite ampliar o seu campo de

ação para o estudo da magia e para o uso incontestado da memória produzida por Apuleio e/ou por Lúcio, em *O Asno de Ouro*. O romance, supracitado, é regido por um conteúdo que transita entre dois polos: magia e religião.

Em seu artigo, cujo tema é *Memória e Identidade Social*, Michael Pollak faz uma análise e automaticamente uma simbiose sobre estes dois termos (memória e identidade) e os aplica como ferramenta teórica para a obtenção de um entendimento amplo sobre a sociedade e seus desdobramentos. Em linhas iniciais, o autor traz um posicionamento um tanto conscientizador, vejamos (POLLAK, p. 1992, 201):

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Ao alinhar seu conceito dentro do campo político e da história oral, o autor deixa claro também a sua posição sobre o debate incontestado que envolve a *memória individual* e a *memória coletiva*. Apesar de compreender que tanto a memória individual quanto a coletiva estão suscetíveis a possíveis mudanças, Michael Pollak (1992, p. 201) alerta sobre outro ponto importante e argumenta que “se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar que a maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. O equilíbrio entre os dois pontos é a proposta defendida por Michael Pollak, isto é, deve-se trabalhá-las em conjunto detectando e respeitando suas funcionalidades.

Para o sociólogo, os acontecimentos vividos pessoalmente (memória individual) e os acontecimentos vividos por tabela / pelo grupo / pela coletividade (memória coletiva) são os elementos base da

memória (POLLAK, 1992, p. 201). Por outro lado, os personagens ou pessoas são vistos também como responsáveis pela construção da memória, sejam eles individuais ou coletivos independentemente da temporalidade (POLLAK, 1992, p. 201-202). Por fim, os lugares também devem ser analisados como parte integrante da memória, pois “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também não pode ter apoio no tempo cronológico (POLLAK, p. 202). Nesses moldes, Michael Pollak (1992, p. 202) pontua que

esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de eventos.

O sociólogo estrutura a memória com base nesses critérios, porém ele trabalha com a hipótese de algo que possa ser tanto concreto quanto projetado. Sendo assim, ela tem o poder de selecionar, arquivar e deletar, pois a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa (POLLAK, 1992, p. 204). Por não se referir apenas à vida física, de acordo com Michael Pollak, podemos estender sua referência à personagens ficcionais que são criadas com o intuito de protagonizar eventos reais ou projetados tendo-a como eixo central.

Outro termo que também pode ser visto como suporte para a teoria defendida por Michael Pollak, é a *identidade* que para o sociólogo, com base na psicologia social, é constituída de unidade física, continuidade dentro do tempo e sentimento de coerência (POLLAK, 1992, p. 204). Sua tese é a favor de que a memória e a identidade possuem laços de proximidade estreitos seja por fatores individuais, coletivos, morais, e assim por diante. A teoria defendida por Pollak mostra que há

uma espécie de conectividade entre memória e identidade, e que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

Em linhas gerais, suas observações sobre o pensamento de Maurice Halbwachs em relação à memória e sua análise sobre a psicologia social serviram como esteio para a formação de sua teoria, visto que o autor acredita numa continuidade entre a história social quantificada e a história oral. E, ainda, acredita que estes campos tão opostos apresentam uma continuidade. E, por fim, acrescenta que vê também “uma relação particularmente estreita entre a história e certos subcampos da sociologia” (POLLAK, 1992, p. 208).

Se analisado metricamente, *O Asno de Ouro* é notadamente um documento repleto de eventos que giram em torno da vida de Apuleio. No romance, pouco ou quase nada se verá sobre sua identidade culta ligada diretamente aos conhecimentos da filosofia. Por outra via, em *Apologia*, obra que relata na íntegra seu julgamento, a posição de Apuleio é estrategicamente destacada, pois era um sabedor das leis que imperavam contra certas práticas mágicas em Roma. Mesmo tendo objetivos diferentes, *O Asno de Ouro* (religião e magia) e *Apologia* (posição social e defesa de sua honra), as obras apuleianas foram essencialmente construídas sob o esteio da memória; em *O Asno de Ouro*, mais individual e em *Apologia* houve uma alternância entre a memória individual e a coletiva. Frisamos aqui que o fundamento das obras é a memória (coletiva/individual) e que a temática regente de ambas é a magia seja ela praticada ou discutida teoricamente e até mesmo posta *sub judice*.

No que diz respeito à memória, Apuleio apresenta ao leitor de *O Asno de Ouro* uma coletânea de acontecimentos que descrevem e categorizam, em certa medida, o ambiente religioso e de que maneira a magia se apresentava em Roma. Mesmo silenciando-se acerca do termo, os acontecimentos prescritos por Apuleio trazem um diálogo intermitente entre magia e religião, ou seja, a manipulação do sagrado e a devoção ao mesmo são inexoravelmente os temas centrais dos acontecimentos reais e/ou ficcionais vividos ou projetados por Apuleio/Lúcio por intermédio da memória individual/coletiva.

No que tange aos personagens/pessoas, o romancista latino apresenta diversos cujas participações são percebidas tanto como protagonistas quanto coadjuvantes, até o cão Cérbero é citado no romance (*O Asno de Ouro*, Livro I; XV). Dentre muitos, destacamos Lúcio cujo nome fictício remete ao próprio Apuleio e que é um dos principais personagens da obra. Para ratificar, Sônia Regina Rebel de Araújo (2012, p. 106) afirma que

o mesmo personagem se reveste de várias personalidades, sendo a central o asno-Lúcio que, mesmo sobre o invólucro da besta de carga, mantém uma Inteligência humana e narra suas desventuras até recuperar a forma original, quando se revela ser narrador o próprio Apuleio.

Assinalamos os lugares, tendo por base a memória, como outro ponto importante desenvolvido por Pollak, que é um feito comum no romance apuleiano. Logo no primeiro capítulo, Tessália é apresentada como sendo a cidade originária de sua mãe, mas que possui também um amplo histórico em relação às práticas mágicas – um lugar de aperfeiçoamento das tais. Esta citação geográfica não foi de modo algum despreziosa, visto que ela está presente logo no primeiro livro, e, com isso nos levando a entrever como irá se desenrolar o romance. Atenas também é mencionada pelo autor, pois representa para ele o seu ambiente de formação filosófica e o princípio de seu interesse pela

magia, tendo, obviamente, Platão como modelo. Destacamos também: Etiópia, Beócia, Macedônia, Índia, Corinto, Delfos e muitos outros lugares que tiveram importância e significado para Apuleio. Esses lugares pertos ou não representam, de acordo com o romance, pontos de memórias que ajudaram a construir as histórias de Apuleio, pois “locais muitos longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202).

Os três critérios conceituados e destacados por Michael Pollak sobre a memória nos dão possibilidades de analisar um estilo literário latino cujo conteúdo se articula sobre dois polos centrais na e para a sociedade romana nos séculos I e II d.C., e, além disso, nos faz compreender que o romance retrata mnemonicamente os eventos reais e ficcionais apresentados pelo autor-criador/autor-pessoa tendo como eixo temático a religião e a magia. Assim sendo, vislumbramos a magia como uma prática inserida em Roma sob custo da memória; sua presença é inegável estando quase sempre sendo participada no romance de Apuleio por meio de acontecimentos que envolvem personagens humanos, divinos e ficcionais em lugares cuja representatividade eram importantes tanto para Lúcio quanto para Apuleio.

Sobre *identidade*, podemos articular *O Asno de Ouro* sob o conceito de Michael Pollak untando-a à *memória* que para o sociólogo

é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

De modo geral a identidade de Apuleio está implícita no romance; o asno-Lúcio é quem o representa ativamente, mas sob influência de suas

memórias cujo objetivo “é a reconstrução de si”.

Portanto, voltamos novamente a Bakhtin e seu posicionamento sobre o autor-criador e autor-pessoa, isto é, o hibridismo entre os “autores” e a construção párea entre a vida de ambos resultando em interferências diretas e indiretas do criador na pessoa e da pessoa no criador. Contudo, por mais que implícita, a identidade filosófica faz parte essencialmente de ambos: Lúcio e Apuleio. Lembramos, no entanto, que o asno-Lúcio não possuía a cabeça de um asno em um corpo humano; no romance, a magia o condicionou a ter a cabeça humana (de um homem) num corpo de um asno, evidenciando simbolicamente a identidade pensante (filosófica) do autor-criador e do autor-pessoa.

Michael Pollak (1992, p. 206) acredita que “quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjuntura ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade”. Tendo por referência Michael Pollak, o romance apuleiano passa justamente por essa conjuntura ou períodos calmos, a perceber que tanto a memória quanto a identidade estão diluídas gozando de uma preocupação amena em toda a obra, principalmente em acontecimentos onde a magia é avultosamente presenciada.

Considerações finais

O *Asno de Ouro* não foi qualquer produto literário, ele foi e é mais do que isso, pois os exames e análises feitas externam que há uma riqueza de conteúdo e de temas incutidos nele. Não foi apenas um romance latino, foi um divisor de águas na literatura e na forma de expressar religião em Roma, tendo, obviamente, a magia como uma prática, em alguns momentos, reticente na cidade. Ressaltamos que a importância da obra se dá conjuntamente com o seu autor, Apuleio. Ela foi escrita por alguém que possuía valores expressivos em Roma no século II d.C., pois o

autor oriundo de Madaura era filósofo e detentor de privilégios devido sua posição social.

As citações sobre a magia e a religião, que na verdade permearam boa parte da obra, são resultados da capacidade mnemônica de Apuleio, e, a partir dela o desenvolvimento dos enredos, a criação de personagens e lugares deram à obra não somente um caráter ficcional, mas um valor histórico principalmente por trazer a magia ao cenário social, político e religioso de Roma. Neste aspecto, podemos considerar que a memória de Apuleio foi a produtora basilar da obra *O Asno de Ouro* e que pode ser vista como um romance produzido por uma memória e constituída por uma identidade que a rigor supriu as necessidades da elite social romana.

Portanto, há de se considerar que o romance apuleiano cuja magia e religião o norteiam possa ser analisado por vias conceituais de memória – coletiva ou individual – considerando factualmente a identidade implícita do autor seja por sua posição social ou por sua intelectualidade. Ademais, *O Asno de Ouro* tornou explícitas as desventuras de personagens que retrataram ficcionalmente a realidade religiosa de Roma em meados do século II d.C., e, como a magia era vista e tratada pela sociedade comum e pela elite. Em *Flórida* nem tanto, mas em *Apologia* e em *O Asno de Ouro*, Apuleio se apresenta como adepto e defensor do pensamento e de algumas práticas mágicas tanto em Roma quanto em suas províncias.

REFERÊNCIAS

Documentação

APULEIO. **O Asno de Ouro**. Tradução e notas de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

Referências

- ANKARLOO, Bengt. CLARK, Stuart. *Introdução*. In: OGDEN, Daniel et al. **Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma**. São Paulo: Madras, 2004.
- ARAÚJO, Sônia Regina Rebel. **Histórias e narrativas: A propósito da obra de Apuleio de Madaura, análise de três relatos constantes em O Asno de Ouro**. Phoênix, Rio de Janeiro, 18-2; 103-121, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.
- LIMA, Albertino da Silva. **Desconstruindo o “Mago” em Simão: o estudo da magia no Cristianismo Primitivo, uma análise a partir dos Atos de Pedro**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Berardo do Campo, 2017. 90f.
- LUCK, Georg. *Bruxos, bruxas e feiticeiros na literatura clássica*. In: OGDEN, Daniel et al. **Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma**. São Paulo: Madras, 2004.
- NETO, Belchior Monteiro de Lima. **Magia e Daimones: segundo a Cosmologia Teológica-filosófica Apuleiana**. Revista Mundo Antigo – Ano IV, V. 4, Nº 7 – junho 2015.
- _____. **Paideia e ascensão social na África Romana: a biografia de Apuleio de Madaura (séc. II d.C.)**. Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 3, n. 2, dezembro, 2018. P. 72-87.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.